



A TEOLOGIA DA ESPERANÇA: JOHANN CHRISTOPH BLUMHARDT E A PRESENÇA TRANSFORMADORA DO REINO DE DEUS

Euler Renato Westphal¹*

I. INTRODUÇÃO

Johann Christoph Blumhardt, pastor protestante que viveu na Alemanha no século XIX, foi profundamente marcado pela experiência pastoral de libertação de forças ocultas em Möttlingen, vilarejo encravado no interior da Suábia, no sul da Alemanha. A partir desse acontecimento, Blumhardt esperava pela irrupção do Reino e contava com a recuperação da dimensão da experiência concreta do Espírito Santo do cristianismo primitivo.

Para J. C. Blumhardt, o Reino de Deus não é somente uma grandeza moral que se limita ao âmbito da espiritualidade subjetiva. Ele recupera a dimensão do Reino de Deus como grandeza pneumatológica e escatológica que se concretiza na história. Somente Deus tem poder e autoridade para construir o seu Reino. A comunidade participa do Reino colocando sinais do senhorio de Jesus Cristo. No exercício dos dons carismáticos – como o anúncio do perdão, a libertação do Diabo, as curas, a obediência da fé, a proclamação do evangelho – a comunidade aponta para a consumação do Reino de Deus.

A partir da ênfase do agir concreto de Deus, Blumhardt pode ser denominado de teólogo da esperança, pois a vitória de Jesus sobre as trevas transcende os limites do indivíduo e da comunidade cristã, estendendo-se para dentro da humanidade. Ao abordar J. C. Blumhardt, buscamos primeiramente tratar de alguns elementos históricos da sua pessoa e atuação. Num segundo momento, detemo-nos na investigação do quadro conceitual de sua teologia do Reino de Deus. Baseamo-nos em estudos que apresentam uma sistematização do pensamento de Blumhardt. O presente artigo pretende proporcionar uma introdução à teologia e à prática pastoral

1 * Euler Renato Westphal (Dr.) é professor de Teologia Sistemática e Ética na Faculdade Luterana de Teologia.

de Johann Christoph Blumhardt.

II. JOHANN CHRISTOPH BLUMHARDT E A REALIDADE DO REINO DE DEUS

1. Algumas considerações biográficas

Johann Christoph Blumhardt nasceu na cidade de Stuttgart, em 16 de julho de 1805. No dia do seu nascimento, as tropas francesas conquistam Stuttgart, capital da Suábia, e invadem a casa da família Blumhardt. Na sua infância, Johann Christoph vive sob condições muito pobres, pois seu pai, exercendo a profissão de medidor de madeira, pertencia ao baixo operariado. Seus pais participavam dos círculos do pietismo suábico, que foi profundamente influenciado por Johann Albrecht Bengel (1687-1752) e por Friedrich Christoph Oetinger (1702-1782), teólogos e pastores de renome no protestantismo.²

Em 1824, Johann Christoph Blumhardt ingressou na universidade da Tubingia. Inicialmente, estudou filologia e filosofia clássica na fundação da Tubingia. Os sistemas filosóficos de Schelling e Hegel, que predominavam na época, não exerceram grande fascínio sobre Blumhardt.³ Além do estudo da Teologia, interessou-se pela Medicina, História, Geografia, Física e Astronomia. Blumhardt tinha pessoas de diferentes posições ideológicas e de diferentes vertentes teológicas no seu círculo de amigos. Embora discordasse das posições hegelianas, não deixava de respeitá-las. Ao seu círculo de amigos pertenciam, entre outros, o teólogo Wilhelm Hoffmann, o poeta Eduard Mörike e David Friedrich Strauss. Este último era um dos representantes do pensamento hegeliano na teologia, ou seja, da teologia liberal.⁴

2 Cf. Friedrich ZÜNDEL. *Johann Christoph Blumhardt; Zeuge der Siegesmacht Jesu über Krankheit und Dämonie*. 19. ed. Giessen: Brunnen Verlag 1979, p. 16. ; Werner JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Welt: Zeugnisse und Bilder*. Stuttgart: J. F. Steinkopf Verlag 1977, p. 20-21; Ernst GAUGLER. *Johann Christoph Blumhardt: Sein Leben und seine Botschaft*. 2. ed. alterada de: „Die rechte Hand des Höchsten kann alles ändern“. Basileia: Heinrich Majer Verlag 1945, p. 7.

3 Aos 14 anos, Blumhardt foi admitido, através do exame oficial, no “seminário inferior” de Schönthal. Ali, seus professores são M. Fischer, G. Kern e K. v. Abel. Este último também havia sido professor de Schiller, de Schelling e de Hegel. Cf. Joachim SCHARFENBERG. Art.: *Johann Christoph Blumhardt*, in: Gerhard KRAUSE & Gerhard MÜLLER (Eds.). *Theologische Realencyclopädie*. Vol. 6. Berlim: Walter de Gruyter 1980, p. 721-727, aqui p. 722.

4 Cf. F. ZÜNDEL, op. cit., p. 27-29; Cf. W. JÄCKH, op. cit., p. 26-29 e 31; Cf. E. GAUGLER, op. cit., p. 11-13.

Após o exame teológico (1829), Blumhardt assume o vicariato em Dürrenz e, em 1830, passa a ser professor na casa missionária da Basileia, onde permaneceu até 1837. Esses anos foram fundamentais para a sua trajetória futura.⁵ Em 1837, assumiu o vicariato em Iptingen, onde confrontou-se com elementos separatistas do círculo do pietismo. Ali obteve, com sucesso, a reconciliação dos grupos separatistas com a igreja. A partir de julho de 1838, Blumhardt assume a comunidade em Möttlingen.⁶

Neste povoado surge um movimento que tem a vitória de Jesus como conteúdo central da proclamação do evangelho. Isso significa que o Reino de Deus irrompe na realidade humana por meio da vitória de Jesus sobre o poder objetivo das trevas e da dominação do Mal. Essa realidade é experimentada no seio da comunidade de Möttlingen.

Em virtude do movimento de avivamento e da experiência de libertação dos poderes ocultos, que provocou um movimento de espiritualidade nas comunidades evangélicas na região, Johann Christoph Blumhardt comprou o balneário de Bad Boll, que havia sido construído pela monarquia, mas tinha sido abandonado. Blumhardt atuou nessa estância desde 1852 até sua morte em 1880.⁷

2. A experiência da irrupção do Reino de Deus

Todas as falas pronunciadas por J. C. Blumhardt estão fundamentadas na frase “Jesus é vitorioso” (“*Jesus ist Sieger*”).⁸ Não se trata de um postulado filosófico e teológico abstrato, mas essa afirmação é fruto de uma experiência dramática de libertação dos poderes demoníacos, em analogia às narrativas neotestamentárias. Para a jovem Gottlieb Dittus, que era vítima de distúrbios físicos e psicológicos muito sérios, esgotaram-se todas as possibilidades de ajuda médica. Assim Blumhardt, como pastor e conselheiro, vê-se na obrigação de cuidar daquela moça doente. Ela era acometida de violentas e prolongadas convulsões e, em torno dela, aconteciam fenômenos paranormais aterradores. As lutas de libertação dessa mulher foram dramáticas.⁹ A doença tida como psicossomática pelos

5 Cf. W. JÄCKH, op., cit., p. 32-33; Cf. E. GAUGLER, op. cit., p. 15-16.

6 Cf. W. JÄCKH, op. cit., p. 48-49 e 52-53; J. SCHARFENBERG, op. cit., p. 722.

7 Cf. W. JÄCKH, op. cit., p. 89-90; F. ZÜNDEL, op. cit., p. 264 e 265.

8 Cf. Gerhard SAUTER. *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, in: Fritz BLANKE et alii (Eds). *Studien zur Dogmengeschichte und systematischen Theologie*. Vol. 14. Zürich: Zwingli Verlag 1962, p. 23.

9 Cf. F. ZÜNDEL, op. cit., p. 98-135. Zündel narra a história de possessão, as

médicos foi diagnosticada, por Blumhardt, como uma doença espiritual, mais precisamente, segundo ele, possessão demoníaca.¹⁰

Assim, na confiança em Deus, aconteceu a libertação do poder das trevas dessa jovem paciente. Esse poder é dimensionado, por Blumhardt, como uma realidade objetiva. A realidade do perdão, do Reino de Deus, irrompe em meio à realidade das trevas e do mal. Assim que se anunciou que Jesus é vencedor, revelou-se a vitória de Jesus Cristo e a libertação de Gottliebin Dittus.¹¹ Decorrente desses acontecimentos, ocorre um avivamento espiritual em Möttlingen. Esse avivamento pode ser caracterizado como um movimento de arrependimento.¹²

A poimênica de Blumhardt consiste na confissão de pecados e no anúncio do perdão. Essa prática também possibilitou a libertação de muitas doenças físicas.¹³ A contribuição de Blumhardt para a história da teologia consiste na redescoberta da escatologia como acontecimento real que se materializa nessas experiências concretas. Os principais conceitos teológicos, em Blumhardt, estão concentrados na esperança da irrupção

aparições dos demônios e a libertação de Gottliebin Dittus em detalhes. Limitar-nos-emos em apresentar as questões mais significativas deste episódio para a teologia de Blumhardt.

10 Cf. F. ZÜNDEL, op. cit., p. 107-108; Cf. Alo MÜNCH, *Johann Christoph Blumhardt: Ein Zeuge des gegenwärtigen Gottes*, in: *Zeugen des gegenwärtigen Gottes*. 4. ed. Giessen: Brunnen-Verlag 1949, p. 11-12. Desde 1840, Gottliebin Dittus apresentava estas manifestações estranhas. O médico, Dr. Späth, disse em tom acusatório: “Poder-se-ia pensar que não há nenhum cura de almas no lugar.” Em função dessa reprimenda, Blumhardt visitou a moça frequentemente. Ao visitá-la, novamente foi acometida destas convulsões. Diante da sua própria impotência, Blumhardt ordenou que ela orasse: “Senhor Jesus, ajúdame! Nós vimos o suficiente, há muito tempo, o que o diabo faz, agora queremos ver também o que o senhor Jesus é capaz.” Em função dessas palavras, as convulsões cessaram. A partir desse momento, Blumhardt teve a convicção de que se tratava de um ministério de Deus para a sua vida.

11 Cf. F. ZÜNDEL, *Johann Christoph Blumhardt*, p. 129-131 e 134. A irmã de Gottliebin, Katharina, passou a sofrer do mesmo problema. O grito „Jesus é vitorioso!“ foi proferido através de Katharina. Em 28 de dezembro de 1843, consumou-se a total vitória. Assim, ambas as irmãs, Katharina e Gottliebin, foram libertas. Cf. Karl BARTH, *Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert: Ihre Vorgeschichte und ihre Geschichte*. Unveränderte Textwiedergabe nach der Auflage 1960. Hamburg: Siebenstern Taschenbuch Verlag 1975, p. 556; E. JÄCKH & G. MERZ, *Johann Christoph Blumhardt*, in: Kurt GALLING (Ed.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft*. Vol. 1. 3. ed. retrabalhada. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) 1957, col. 1325-1327, aqui 1325; Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 22-23. ; Cf. J. SCHARFENBERG, op. cit., p. 722; Cf. Alo Münch, op. cit., p. 12.

12 Cf. W. JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Welt*, p. 73; Cf. F. ZÜNDEL, op. cit., p. 135-160. Algumas cartas entre Blumhardt e Gottliebin Dittus estão publicadas em J. C. BLUMHARDT, *Seelsorge: Glaubensfragen, Briefe, Gebete, Lieder*, in: Wolfgang BITTNER (Ed.). *Ausgewählte Schriften*. Vol. 3. 2. Ed. Giessen; Metzinger: Brunnen-Verlag; Ernst Franz Verlag 1991 p. 233-240.

13 Cf. J. SCHARFENBERG, op. cit., p. 722.

do Reino de Deus, na vinda de Cristo e no derramamento do Espírito Santo. Para ele, o encontro com Jesus Cristo proporciona a libertação, o reconhecimento do pecado e a fé no Salvador e Redentor.¹⁴ A partir dessas experiências, Blumhardt tornou-se o “teólogo da esperança”.¹⁵ Na compreensão de Blumhardt, os acontecimentos de libertação, de arrependimento e de curas significavam que Deus intervém na história. Ele havia experimentado a vitória do Senhor vivo, ressurreto e do Jesus escatológico. Blumhardt vivia na expectativa de que a parusia de Jesus Cristo aconteceria em breve.¹⁶

3. A teologia do Reino de Deus na compreensão de Johann Christoph Blumhardt¹⁷

3. 1 Jesus é vencedor

O conceito Reino de Deus representa um desdobramento da frase “*Jesus ist Sieger*” (“Jesus é vencedor”). Não se trata de uma abstração e sim de um conteúdo dinâmico, pressupondo a ação histórica e cósmica do Reino de Deus e da vitória de Jesus. O cosmo, para ele, abrange o mundo celestial e o mundo terreno. Os acontecimentos no âmbito da terra são projeções, reflexos daquilo que acontece no âmbito celestial. Para Blumhardt, é fundamental que o Reino de Deus se encontre inserido naquele espaço no qual a vontade de Deus seja executada. Jesus Cristo é o sujeito da vitória sobre o pecado e sobre a corruptibilidade humana e isso representa a irrupção do direito de Deus no tempo e no espaço.¹⁸

O senhorio de Deus se concretiza entre os seus súditos, pois estes pertencem ao Reino. O âmbito horizontal do poder do Reino é decorrência da sua dimensão vertical. Portanto, o âmbito horizontal do Reino nunca pode ser absolutizado. As relações históricas apontam para a dimensão vertical na qual está a origem do Reino.

14 Cf. Felix FLÜCKIGER & Wilhelm ANZ. *Theologie und Philosophie im 19. Jahrhundert*, in: Bernd MOELLER (Ed.). *Die Kirche in ihrer Geschichte. Ein Handbuch*. Vol. 4. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1975, p. 79-81, aqui 80.

15 Parece-nos que Barth o denomina dessa forma pela primeira vez. Cf. K. BARTH, *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*, vol. 2, p. 558; E. JÄCKH & G. MERZ. *Johann Christoph Blumhardt*, col. 1325.

16 Cf. F. ZÜNDEL, op. cit., p. 189-190. Cf. J. C. BLUMHARDT. *Verkündigung*, in: Wolfgang BITTNER (Ed.). *Ausgewählte Schriften*. Vol. 2, p. 279-281.

17 Cf. Rudolf BOHREN. *Geist und Gericht; Arbeiten zur Praktischen Theologie*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag 1979, p. 83. Para Bohren, J. C. Blumhardt seria o redescobridor da mensagem do Reino de Deus.

18 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 24-27. Cf. J. C. BLUMHARDT, *Verkündigung*, p. 326-331.

Parece-nos que o conceito de comunidade ilustra a compreensão da relação entre o âmbito de poder histórico e celestial do Reino. Para Blumhardt, a dimensão horizontal do Reino encontra-se na comunidade cristã. Esta tem a função de ser sinal do evento do Reino de Deus, mas o Reino de Deus não é confundido com a comunidade. Blumhardt não limita o Reino à comunidade, pois ele espera que o Reino de Deus seja formado por todos os seres da criação, por conseguinte, o Salvador é o Rei à medida que tudo se torne uma totalidade. Essa totalidade se reúne em torno de Jesus. O mundo, o ser humano e a comunidade são o espaço no qual acontece a vitória de Cristo.¹⁹

Deve-se considerar a cosmovisão apocalíptica e a consequente concepção dos dois éons (período de tempo). Inclusive os textos de Blumhardt refletem essa posição. Segundo ele, há uma luta titânica do príncipe deste mundo com o objetivo de conquistar toda a criação e subjugar-la aos seus domínios. Este seria o aspecto formal da categoria de Reino de Deus.²⁰ Temos então, a luta cósmica entre Deus e o Diabo. O Reino de Deus irrompe na mudança dos éons.²¹ Essa concepção nasceu da experiência de exorcismo e foi corroborada pela vitória de Deus sobre as trevas. Blumhardt não especula a respeito desses fatos e, consequentemente, não desenvolve uma metafísica sobre a origem do mal, mas deixa o não-racional sem explicação.²²

Vemos que o conteúdo do Reino de Deus é compreendido na sua dimensão cristológica. Para Blumhardt, a encarnação e a ascensão teriam primazia sobre a teologia da cruz, contudo, sem prejuízos à cruz como elemento fundamental da teologia. A mudança éonica, o período de tempo, aconteceu na encarnação e na consequente vitória de Jesus Cristo sobre demônios e doenças. Com Jesus, acontece a irrupção do Reino de Deus, embora o Reino permaneça oculto, pois ele ainda não é visível na sua totalidade.²³

A vitória de Jesus não é uma grandeza dogmática que pudesse ser apreendida pela razão, mas trata-se de um evento que se renova. A

19 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 27-29. Sauter aborda amplamente a questão do lugar, do espaço da concretização do Reino de Deus. Cf. *Ibid.*, p. 45-48.

20 Cf. *Ibid.*, p. 29.

21 Cf. *Ibid.*, p. 29.

22 Cf. *Ibid.*, p. 29-30; K. BARTH, *Die Lehre von der Versöhnung*, in: Karl Barth. *Die Kirchliche Dogmatik*. Zollikon: Evangelischer Verlag 1959. Vol. 4, Parte 3/1, p. 193-194.

23 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 31-33 e 116-117. Cf. J. C. BLUMHARDT, *Verkündigung*, p. 298-305.

dimensão da vitória é apenas uma antecipação, um sinal dessa vitória que se espera. Portanto, esse sinal não é a consumação da vitória, mas é vitória em caráter provisório. Na entronização de Cristo está a condição para a vitória de Cristo, bem como é a antecipação da esperança de vitória. A frase “Jesus é vitorioso!” significa um testemunho da derrota do Diabo diante de Jesus. Jesus é o único que pode lutar e é o único que tem condições de ser vitorioso.²⁴

Para Blumhardt, o silêncio de Deus também é realidade e pode se transformar em provação. Mesmo assim, a vitória de Jesus prevalece sobre a provação decorrente da ausência de Deus. Até mesmo a morte de Gottlieb Dittus, que a princípio o deixou desapontado com Deus, significou-lhe sinal da vitória de Cristo.²⁵

Para Blumhardt, a ressurreição foi o primeiro sinal da supressão da morte e representou o sinal mais significativo de uma nova criação da humanidade e da criatura como um todo. Desde a ressurreição, o mundo celestial avança para dentro da realidade terrena. A partir da ressurreição, Blumhardt nutria sua teologia da esperança.²⁶

A partir da interpretação da proclamação do senhorio de Deus nos Evangelhos, entende-se que o Reino de Deus já irrompeu em Jesus Cristo. O Reino ainda está latente, escondido. O “ainda não” seria a dimensão oculta do Reino. A libertação das pessoas representa o sinal do “já agora” do Reino. Assim, Jesus revela-se vencedor e evidencia o senhorio de Deus.²⁷

3. 2 O Reino de Deus e o Espírito Santo_

Fundamental, em Blumhardt, é a dimensão pneumatológica do Reino de Deus, pois o senhorio de Deus conta com a realidade do Espírito Santo. A pneumatologia como elemento constitutivo do Reino não se esgota na salvação individual, mas dimensiona a transformação do mundo em Reino de Deus. Blumhardt aponta para o mau uso da salvação

24 Cf. Ibid., p. 36-37; E JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 204.

25 Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 40.

26 Cf. E. JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 273. Segundo G. Sauter, para J. C. Blumhardt, a ressurreição não recebeu muita atenção, pois a encarnação e a entronização são elementos mais desenvolvidos na sua reflexão. Enquanto em Christoph Blumhardt, o filho de J.C Blumhardt, a cruz e a ressurreição são temas privilegiados. Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 32 e 116. Cf. J. C. BLUMHARDT. *Verkündigung*, p. 277-279.

27 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 33.

individual dizendo: “Assim belos versículos podem ser interpretados equivocadamente e egoisticamente, quando se pensa somente na própria salvação, mas não se pensa na aquisição do Reino de Deus para todos”.²⁸ A atuação do Espírito não se limita aos crentes, mas abrange toda a criatura.²⁹ As afirmações em torno do Espírito Santo expressam, em Blumhardt, o modo como Cristo é vencedor.

O Espírito edifica o Reino de Deus primeiramente na vida da comunidade cristã. O Reino de Deus é edificado com a oração, por meio das curas carismáticas e pela pregação da Palavra, pelos sacramentos e pela poimênica, o aconselhamento espiritual. O Espírito Santo não atua através de novas revelações na comunidade, mas por intermédio de demonstrações de poder do Espírito e nas expressões dos dons do Espírito. Para Blumhardt, o Espírito Santo é uma pessoa que está intrinsecamente ligada a Cristo. O Espírito Santo não pode estar preso ao controle do ser humano, pois o Espírito, como pessoa da Trindade, transcende ao ser humano, pois é Deus. Blumhardt diz: “o Espírito Santo é sempre algo fora do ser humano, nada que habite nele, nada que testemunhe e que fale nele, nenhuma propriedade nele”.³⁰

O Espírito Santo como elemento constitutivo do Reino de Deus transcende o âmbito eclesiástico. A questão pneumatológica, em Blumhardt, é determinada pela dimensão universal do Reino de Deus. O Reino caminha para a redenção de toda a criatura. O Reino, a Palavra de Deus e a fé são elementos que estão intrinsecamente ligados, tanto assim que, para Blumhardt, a Palavra acontece onde o Reino de Deus é edificado na liberdade do Espírito Santo. A dimensão universal do Reino de Deus representa um princípio metodológico diferente e original no cenário da história da teologia.³¹

Inclusive, Blumhardt vivia na expectativa de um novo derramamento do Espírito Santo porque, segundo ele, a promessa de Joel

28 Apud G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 34. Cf. K. BARTH, *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*, vol. 2, p. 563.

29 Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 49. Barth também chama atenção para a ênfase da dimensão universal do Reino. A salvação individual está intrinsecamente ligada à vitória cósmica de Cristo. Cf. K. BARTH, op. cit., p. 562.

30 Apud. J. SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt und die kirchliche Seelsorge heute*, p. 85 ; R. BOHREN, *Predigtlehre*, p. 68.

31 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 48-49 e 52-53. Sauter entende que o postulado da reforma parte do agir de Deus para o ser humano e somente então se dirige para o mundo. Em Blumhardt, Deus age primeiramente no mundo para então divisar o ser humano. Seriam duas posturas teológicas distintas. Cf. J. C. BLUMHARDT. *Verkündigung*, p. 257-258.

3.1-2 ainda não teria sido cumprida totalmente.³²

3. 3 O Reino de Deus e a escatologia

A teologia do Reino de Deus de J. C. Blumhardt é interpretada a partir da escatologia. Portanto, trata-se de uma escatologia presente, pois o senhorio de Cristo já se experimenta de forma concreta na realidade presente, contudo, a escatologia não se dilui no presente.³³

Blumhardt colocou a escatologia no centro da pregação cristã de maneira nova. Ele redescobriu a compreensão da escatologia da comunidade primitiva e enfatizou a expectativa da vinda de Cristo.³⁴ E quando Barth o denomina “teólogo da esperança”,³⁵ indica a importância da redescoberta teológica de Blumhardt para a história da teologia protestante. Para Blumhardt, a vinda de Cristo era o grande objetivo da sua esperança. Ele dizia assim:

*“Sim, disto testemunharei enquanto viver, e o último respiro deverá pedir: ‘Senhor, dê a tua corrente do Espírito e da Graça, para que o mundo todo seja agitado por isso’. Nisto permaneço e luto e clamo ao Senhor até que seja assim, que todos os povos da terra tenham esta luz e se arrependam, para que não se percam”.*³⁶

Percebe-se nitidamente a dimensão universal do Reino, pois a comunidade de Cristo não deve pedir somente pela salvação para si, mas para toda a humanidade.³⁷ A perspectiva de Blumhardt era universal, diferente da tendência do movimento de avivamento e do pietismo do século XIX que, muitas vezes, priorizava a experiência individual e espiritualizante. Ouve-se ele dizer:

Esta deve ser a tônica de nossa esperança. Salvação, salvação, salvação traz o Jesus que vem dos

32 K. BARTH, op. cit., p. 563. ; Cf. Ernst GAUGLER, *Johann Christoph Blumhardt, sein Leben und seine Botschaft*, p. 54. Para R. Bohren, a presença do Espírito Santo é a questão fundamental para a homilética. Blumhardt, pai e filho, podem ser tomados como exemplos quanto à questão pneumatológica para a prédica. R. BOHREN, *Predigtlehre*, p. 65. Cf. J. C. BLUMHARDT, *Schriftauslegung*, p. 18-24.

33 Cf. F. FLÜCKIGER & W. ANZ, *Theologie und Philosophie im 19. Jahrhundert*, vol. 4, p. 80.

34 Cf. Ibid., p. 80. ; Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 54.

35 K. BARTH, op. cit., p. 558.

36 Apud. E. JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 253.

37 Cf. Ibid., p. 237.

*céus, salvação, não perdição, alegria e paz, não medo e destruição. Salvação, salvação, salvação deve vir através do prometido salvador Jesus Cristo, aquele que reprime as trevas, aquele que rompe a noite, aquele que traz luz e verdade e alegria, aquele que dirige o gemido da criatura, aquele que através de tudo cria um novo mundo.*³⁸

Blumhardt enfatiza que Jesus veio para toda a humanidade e que seu perdão é geral e irrestrito.³⁹ A esperança última de Blumhardt dizia respeito à escatologia, à vinda do Senhor Jesus Cristo. O Salvador é que vencerá o príncipe deste mundo e eliminará a ordem do mundo e introduzirá aqui o Reino de Deus. Blumhardt viveu em função da luta pela vitória final do Reino de Deus, pela vinda de Cristo.⁴⁰ Blumhardt não diluiu a dialética e a tensão da escatologia da comunidade primitiva que se expressa nas fórmulas, “já agora” e “ainda não”. Para Blumhardt, é importante que nas afirmações a respeito da escatologia se estabeleça uma relação entre a vitória de Jesus e o tempo histórico. Por isso ele dizia que os últimos tempos já iniciaram com Cristo. A realização última não aconteceu ainda, por isso, devemos esperá-la.

Blumhardt tende a estabelecer uma periodização da história. Ele entende que o segundo período inicia com Cristo, e a terceira época estaria por irromper. Durante o tempo da graça, toda a criatura é preparada para a vinda de Cristo. Esse tempo de graça, de salvação, seria anterior à parusia de Cristo.⁴¹ O novo derramamento do Espírito Santo inauguraria uma nova época. O Espírito abarcaria toda a humanidade pelos dons e por meio do perdão de pecados. Essa época de graça seria um período de transição deste mundo para a eternidade.⁴² Percebemos que o conteúdo da pneumatologia de Blumhardt e a escatologia estão diretamente ligados, tanto assim, que a escatologia é a base para todas as afirmações pneumatológicas.⁴³ Blumhardt se inspira na esperança profética do Antigo Testamento quando se refere à realização do Reino de Deus sobre a terra. Na visão dele, as

38 Apud. E. JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 257.

39 Cf. *Ibid.*, p. 264; Cf. J. SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt und die kirchliche Seelsorge heute*, p. 102.

40 Cf. F. ZÜNDEL, *Johann Christoph Blumhardt, Zeuge der Siegesmacht Jesu über Krankheit und Dämonie*, p. 206-208.

41 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 54-55.

42 Cf. G. SAUTER, *op. cit.*, p. 55 e 56, nota 42.; ; K. BARTH, *Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*, p. 563-564. ; EUGEN JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 57.

43 Cf. G. SAUTER, *op. cit.*, p. 53.

reflexões teóricas sobre a relação das promessas do Antigo Testamento com Jesus Cristo não são relevantes. Nesse caso, o Antigo Testamento e as promessas, as expectativas do Novo Testamento estariam num mesmo plano de continuidade.⁴⁴ O conteúdo da expectativa escatológica de Blumhardt pode ser resumido no seguinte: a oração pela intervenção de Deus na história, o exercício dos dons espirituais na realidade do mundo e a urgência da vinda do Reino de Deus.⁴⁵

II. PERSPECTIVAS HISTÓRICO-SISTEMÁTICAS A PARTIR DA TEOLOGIA DE BLUMHARDT

1. A experiência provisória e esperançosa do Reino de Deus

Johann Christoph Blumhardt influenciou a teologia do século XX de maneira significativa. Barth inspira-se na redescoberta evangélica de Blumhardt, de que a vitória de Jesus representa o triunfo sobre a grandeza objetiva do poder das trevas. O lema “Jesus é vencedor” é desenvolvido amplamente na dogmática de Karl Barth. Desde seus inícios, a teologia dialética apropriou-se dos postulados fundamentais da teologia de J. C. Blumhardt.⁴⁶ Vemos assim, como um simples pastor do interior da Suábia, atuando em um vilarejo denominado Möttlingen, contribuiu significativamente para a teologia, recuperando elementos fundamentais da fé cristã.

Observamos que toda sua teologia do Reino de Deus está fundamentada na experiência de libertação de Gottlieb Dittus. A Escritura, que é fundamental para ele, é interpretada sob a ótica dessa experiência. A vitória de Jesus é a chave hermenêutica para a interpretação da Bíblia, para sua práxis pastoral e para a compreensão dos acontecimentos com G. Dittus. Esta vitória significa que Jesus é maior que todos os poderes que se colocam contra o senhorio de Deus. Ele parte da constatação de que, no fim da história, Cristo será o Senhor sobre todas as coisas. Para Blumhardt, a dimensão escatológica é fundamental na compreensão de Reino de Deus.⁴⁷

44 Cf. *Ibid.*, p. 56 e 58 a 59.

45 Cf. *Ibid.*, p. 61

46 Cf. Cf. Vernard ELLER, *Thy Kingdom Come; A Blumhardt Reader*. Grand Rapids, William B. Eerdmans 1980, p. xiv; Cf. Joachim SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt*, vol. 6, p. 726; Cf. K. BARTH, *Die Lehre von der Versöhnung*, p. 192-198.

47 Cf. J. J. SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt und die kirchliche Seelsorge heute*, p. 32-33, 103, 109. Cf. J. C. BLUMHARDT, *Seelsorge: Glaubensfragen, Briefe, Gebete, Lieder*, in: BITTNER, Wolfgang (Ed.). *Ausgewählte Schriften*. Vol. 3. 2.

Blumhardt vivia na expectativa de que a vinda de Cristo seria iminente, extrapolando, em certa medida, essa expectativa. Parece-nos problemático que Blumhardt espera por uma época especial de graça antes da vinda de Cristo, da parusia. Esse período de graça prepara a vinda de Cristo e representaria a consumação do Reino de Deus sobre a terra. Blumhardt inspira-se nas profecias do Antigo Testamento. Pergunta-se então pelo específico da parusia e qual a diferença entre o tempo de graça e a parusia. Pergunta-se ainda pela finalidade da parusia se o Reino se completou na terra. De qualquer forma, permanece a suspeita de que a vinda de Cristo permanece uma grandeza amorfa e secundária, pois, aguarda-se a antecipação do Reino eterno.⁴⁸

Segundo Blumhardt, a vitória em Möttlingen seria decorrência da vitória de Jesus na cruz e essa vitória na cruz, como qualquer outra vitória de Deus na história, aponta para a vitória de Jesus no futuro, por ocasião de sua vinda. O passado, o presente e o futuro estão interligados pela atuação vitoriosa de Jesus na história. A fé não pode se fundamentar no passado somente. A ação de Deus deve concretizar-se na história, no presente. O Reino de Deus não é uma abstração filosófica, mas o Reino é experimentado concretamente pelo crente.

A partir de Blumhardt entendemos que é fundamental que a teologia conte com a intervenção de Deus de maneira concreta no âmbito da história. Quem crê em Cristo pode experimentá-lo, pois a fé conta com a intervenção do Deus vivo, portanto, não se crê somente em um fato histórico no passado, e não se crê em abstrações teológico-filosóficas, mas em Deus, que se revela no espaço da transitoriedade humana. Assim, a presença de Cristo manifesta-se através do Espírito Santo e toma forma na comunidade pelos dons e os sinais de cura e libertação, apontando para a redenção de toda a criatura. O Espírito deixa de ser o Deus desconhecido, pois ele é um elemento fundamental na atuação do Jesus vitorioso. Blumhardt não separa a cristologia da pneumatologia, mas ambos estão intrinsecamente ligados. A fé cristã pode divisar os sinais visíveis do Reino por meio das experiências de fé. A fé não é aprisionada às pregações dogmaticamente corretas, mas a Palavra e o Espírito possibilitam as experiências carismáticas.⁴⁹

Entendemos que Blumhardt representa uma crítica à teologia quando esta reduz a fé a abstrações doutrinárias e limita a fé aos

Ed. Giessen; Metzingen: BrunnenVerlag; Ernst Franz Verlag 1991, p. 144-145.

48 Cf. Eugen JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Botschaft*, p. 279-280. ; G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 55-56 e 60. Cf. J. C. BLUMHARDT, *Schriftauslegung*, p. 51-306.

49 Cf. Horst Georg PÖHLMANN. *Abriss der Dogmatik; Ein Kompendium*. 5. ed. revista e melhorada. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn 1990, p. 290-291.

acontecimentos bíblicos do passado, não contando mais com o agir de Deus, em juízo e graça, no âmbito da história. O Reino de Deus materializa-se na história, mas ele não se dilui e não é idêntico com a história. Deus capacita o cristão para que seja atuante no Reino de Deus, mas o ser humano, com suas próprias forças não pode construir este Reino. Deus, em sua soberania e liberdade, constrói o seu Reino na fraqueza, em caráter provisório e incompleto. Cristo é poderoso na sua impotência, vitorioso na derrota e no sacrifício.⁵⁰

O Reino de Deus é presente e futuro, é individual e coletivo, imanente e transcendente. O aspecto escatológico do Reino já acontece na história, pois Deus é atuante na história, embora não se dilua na história da humanidade.⁵¹ O Reino de Deus, para Blumhardt, é universal, mas limita-se na luta contra o pecado, a doença e a morte, enquanto as questões sócio-políticas do Reino não forem dimensionadas. Seu filho, Christoph Blumhardt, desenvolve os postulados enfatizados pelo seu pai e recupera a dimensão sócio-política do Reino de Deus.⁵² Uma das contribuições de J. C. Blumhardt, como do seu filho Christoph, para a história da teologia encontra-se na ênfase da dimensão objetiva do Reino. Este não se encontra no coração do ser humano somente, mas abarca a criatura, todo o universo. Da mesma forma, o pecado é uma grandeza objetiva que não está limitada ao coração do não-convertido. Blumhardt representa um corretivo para alguns círculos de piedade pietista que reduziam o Reino ao âmbito da subjetividade.⁵³

A sua crítica, embora ele fosse identificado com o movimento pietista, significava uma proposta libertadora para as pessoas e grupos de piedade legalista do Pietismo. A espiritualidade deveria ser vivida de maneira natural, não opressiva. Não haveria necessidade de o crente negar o mundo, pois a realidade do Reino celestial avança para dentro do mundo. Para Blumhardt, a esperança não nega o mundo, mas capacita o cristão a viver no mundo sob a convicção da vitória de Cristo. É elucidativo quando Blumhardt diz: “O ser humano precisa converter-se duas vezes;

50 Cf. E. THURNEYSSEN. *Erwägungen zur Seelsorge am Menschen von heute*, in: Ernst WOLF (Ed). *Das Wort Gottes und die Kirche: Aufsätze und Vorträge. Theologische Bücherei; Neudrucke und Berichte aus dem 20. Jahrhundert. Vol. 44. München: Chr. Kaiser Verlag 1971, p. 212-226, aqui p. 217 e 218.*

51 Entendemos que a teologia de Blumhardt trabalha dialeticamente com estes conceitos e não harmoniza categorias que são contraditórias em si mesmas.

52 Cf. G. SAUTER, *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 72; J. SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt*, p. 725.

53 Barth enfatiza as questões teológicas objetivas em Blumhardt que criticam o Pietismo e a teologia liberal de sua época. Cf. K. BARTH, *Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*, p. 555-564.

uma vez do homem natural para o espiritual e então novamente do homem espiritual para o natural”.⁵⁴

2. A importância de Blumhardt (pai e filho) para a História da Teologia

Os dois Blumhardt, tanto o pai, Johann Christoph (1805-1880), como o filho, Christoph Friedrich (1842-1919), influenciaram significativamente a teologia no século XX. Para Emil Brunner – que fez parte da neo-ortodoxia desde a primeira hora, também chamada de teologia dialética – Christoph Blumhardt e S. Kierkegaard são os dois grandes predecessores da teologia dialética.⁵⁵ Brunner, no prefácio ao terceiro volume de sua dogmática, escreve uma dedicatória a Christoph Blumhardt, pois se sabe devedor na sua trajetória teológica ao testemunho de Blumhardt.⁵⁶

Karl Barth conta que Eduard Thurneysen conhecia Bad Boll há mais tempo, pois seus pais se relacionavam com Christoph Blumhardt. Inclusive Barth, em 1915, veio a conhecer Christoph Blumhardt pessoalmente por meio de Thurneysen, amigo pessoal de Karl Barth e pastor da igreja reformada da Suíça.⁵⁷ Em 1926, Thurneysen publica um livro que trata da vida e da teologia de Christoph Blumhardt e, em 1962, publica-se a segunda edição.⁵⁸ Além dessa introdução ao pensamento e obra de Blumhardt, temos ainda outros pronunciamentos de Thurneysen a respeito do assunto em questão. Segundo Thurneysen, Christoph Blumhardt tem contribuído decisivamente para a articulação da teologia dialética.⁵⁹

Barth inspira-se na redescoberta evangélica de J. C. Blumhardt, de

54 Apud. Julius ROESSLE. *Von Bengel bis Blumhardt; Gestalten und Bilder aus der Geschichte des schwäbischen Pietismus*. Metzingen: Franz-Verlag 1959. P. 394-406, aqui p. 403.

55 Cf. Vernard ELLER, *Thy Kingdom Come, a Blumhardt Reader*, p. xiv.

56 Brunner diz o seguinte: “Este livro é dedicado a Christoph Blumhardt. Ele, a testemunha profética de Jesus, foi quem em minha juventude no contato pessoal-direto e mais tarde através de pessoas como Kutter e Ragaz plantou-me no solo da eficácia do Espírito Santo.” Emil BRUNNER, *Die christliche Lehre von der Kirche vom Glauben und von der Vollendung*, in: : Emil Brunner. Dogmatik. Vol. 3. Zürich: Zwingli-Verlag 1960, p. 11.

57 Werner JÄCKH, *Blumhardt Vater und Sohn und ihre Welt*, p. 179 a 180. Kutter e Ragaz foram os principais representantes do chamado socialismo religioso na Suíça, que propunha uma atuação política de promoção de justiça social a partir da fé cristã.

58 Cf. Eduard THURNEYSEN. *Christoph Blumhardt*. Zürich-Stuttgart: Zwingli Verlag 1962.

59 Cf. Eberhard KERLEN. *Christoph Blumhardt*, p. 721.

que Jesus é vitorioso sobre a grandeza objetiva do poder das trevas.⁶⁰ O lema “*Jesus ist Sieger*” de J. C. Blumhardt é desenvolvido amplamente na dogmática de Karl Barth.⁶¹ Desde seus inícios, a teologia dialética apropria-se dos postulados fundamentais da teologia de J. C. Blumhardt.⁶²

Alguns teólogos têm tomado a relação dos Blumhardt e K. Barth como objeto de pesquisa, a exemplo de J. Berger.⁶³ Gerhard Sauter também fez deste assunto um dos seus objetos de investigação e reservou um capítulo, no qual se ocupa com a relação entre a teologia de Chr. Blumhardt e K. Barth.⁶⁴ Podemos constatar que a influência de Chr. Blumhardt também se faz perceber em Paul Tillich.⁶⁵ Essa influência diz respeito, especialmente, à questão do socialismo religioso. A concepção da história da salvação nos Blumhardt também tem sido incorporada ao edifício teológico de Oscar Cullmann.⁶⁶

Conforme o depoimento de Eberhard Bethge, biógrafo de Dietrich Bonhoeffer, houve uma forte influência de Blumhardt sobre o pensamento teológico de Bonhoeffer. Nos estudos apresentados por Gerhard Sauter, podemos divisar essa semelhança entre categorias empregadas por Blumhardt e desenvolvidas por Bonhoeffer. As analogias nos conceitos, entre os dois teólogos em questão, não significam, necessariamente, uma coincidência dos conteúdos. As semelhanças também podem estar articuladas na alteração e na modificação de postulados teológicos. Entre outras coisas, podemos ressaltar a questão da desconstrução da religião e da religiosidade. Esse elemento é comum na compreensão de Blumhardt e Bonhoeffer.⁶⁷ Tanto para Blumhardt como para Bonhoeffer, o mundo é amado, julgado e reconciliado por Cristo.⁶⁸

60 Cf. V. ELLER, op. cit., p. xiv. ; Cf. Joachim SCHARFENBERG, *Johann Christoph Blumhardt*, p. 726.

61 Cf. Karl BARTH, *Die Lehre von der Versöhnung*, p. 192-198.

62 Cf. J. SCHARFENBERG, op. cit., p. 726.

63 J. BERGER. *Die Verwurzelung des theologischen Denkens Karl Barths in dem Kerygma der beiden Blumhardts vom Reiche Gottes*. Diss. Berlin 1955 (Masch.), 2 vol.

64 Cf. Gerhard SAUTER. *Die Theologie des Reiches Gottes beim älteren und jüngeren Blumhardt*, p. 235-267.

65 Cf. V. ELLER, op. cit., p. xiv e xv.

66 Cf. G. SAUTER, op. cit., 317.

67 Cf. V. ELLER, op. cit. p. xv. ; Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 151. Sauter aponta ainda para a semelhança existente entre Blumhardt e F. Gogarten nesta questão. Gogarten foi um dos principais teólogos dialéticos, juntamente com Barth, Brunner, Tillich, Bultmann e outros.

68 Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 295. Limitamo-nos em mencionar dois exemplos de proximidade entre Blumhardt e Bonhoeffer. Poder-se-ia discorrer sobre outras questões, entre elas a crítica à dicotomia do sacro e do profano na existência cristã.

Jürgen Moltmann também estaria inserido na tradição decorrente de Blumhardt, inclusive Barth denomina a teologia de Blumhardt de “Teologia da Esperança”. A teologia articulada por Moltmann recebeu essa designação por meio de uma publicação em 1967.⁶⁹ Moltmann foi o editor de um volume que trata dos inícios da teologia dialética, inserindo um ensaio de Barth a respeito de Christoph Blumhardt.⁷⁰

Thurneysen, ao comentar a “Teologia da Esperança”, postulada por Moltmann, e a “Teologia da Revolução”, abordada por Harvey Cox, apresenta os méritos dessas teologias contextuais e aponta para algumas fraquezas. Sua crítica à Teologia da Esperança diz respeito à compreensão de que o agir humano apressaria e instalaria o Reino de Deus. Diante disso, Thurneysen contrapõe o postulado teológico de J. C. Blumhardt. Segundo este, somente Deus tem poder e autoridade para fazer tudo novo e isso deve ser o início e o fim de uma teologia da esperança. Observamos que Thurneysen pressupõe uma relação de conceitos teológicos entre Blumhardt e Moltmann, embora esses conteúdos tenham sido assimilados e modificados por Moltmann.⁷¹

O francês Jacques Ellul (1912-1994) foi outro importante expoente da filosofia e da teologia que tem nutrido seu corpo teórico a partir da teologia de Blumhardt. Sauter confirma a relação teológica-filosófica entre Blumhardt e J. Ellul. A questão da responsabilidade dos cristãos e da igreja na economia é abordada por Ellul. Blumhardt e Ellul questionam, cada um em sua época e em seu contexto, se o cristão que tem sua existência material garantida ainda poderia ser considerado uma pessoa pobre no sentido bíblico. Permanece para ambos a pergunta se é possível conciliar a propriedade material dos cristãos e a responsabilidade deles para com os pobres.⁷²

Observamos que é possível reconhecer uma linha vermelha que corta longitudinalmente a teologia do Reino de Deus em Blumhardt, perpassando os teólogos K. Barth, E. Brunner, D. Bonhoeffer, J. Moltmann e J. Ellul. O tema Reino de Deus também foi fortemente enfatizado nas teologias na América Latina.

69 Cf. V. ELLER, op. cit., p. xv.

70 Cf. Karl BARTH, *Vergangenheit und Zukunft*, p. 43-49.

71 Cf. E. THURNEYSEN, *Erwägung zur seelsorge am Menschen von heute*, 217 a 218.

72 Cf. G. SAUTER, op. cit., p. 186-188.

III. CONCLUSÃO

A salvação não se limita ao relacionamento entre o ser humano e Deus, pois a natureza da salvação aponta para o Reino em sua dimensão universal. A comunidade é convocada, por meio da oração e da pregação, a se empenhar em favor do Reino de Deus, chamando as pessoas ao discipulado de Jesus Cristo.

A salvação pela fé deve manifestar-se nos frutos do Espírito Santo. Por meio do Espírito Santo, o Reino de Deus irrompe, atuando concretamente neste mundo. Os sinais do poder de Jesus apontam para a consumação do Reino de Cristo. O Reino de Deus está intrinsecamente relacionado com a vitória de Jesus e com a obediência ao senhorio de Deus.

Interpretando Blumhardt, poderíamos dizer que o Reino não significa negação do mundo, mas a sua salvação. A partir disso, o cristão pode viver na esperança de que o senhor é vitorioso e que Deus não rejeita o mundo, mas o ama, e que o Espírito de Deus avança para dentro deste mundo com o propósito de redimir toda a criatura, tanto assim, que o Espírito Santo atua em toda a criatura. É imperativo que o crente viva sua fé na esperança de que Deus tem um propósito de salvação para com sua criação. A esperança com que Blumhardt via a humanidade pode ser resumida na seguinte frase: “O senhor abrirá sua suave mão para a misericórdia sobre todos os povos”.⁷³